

UNIVERSIDADE TIRADENTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ERMESON RAFAEL GONZAGA SOUZA  
JAILTON VALENÇA DE SOUZA  
ROBERTO SILVEIRA DE FARIAS

BIOGRAFIA  
ANTONIO CARLOS DU ARACAJU

Propriá-SE  
2008

ERMESON RAFAEL GONZAGA SOUZA  
JAILTON VALENÇA DE SOUZA  
ROBERTO SILVEIRA DE FARIAS

BIOGRAFIA  
ANTONIO CARLOS DU ARACAJU

Monografia apresentada à Universidade  
Tiradentes como um dos pré-requisitos para a  
obtenção do grau de licenciatura em História.

ORIENTADOR: Professor M.Sc. Renaldo  
Ribeiro Rocha

Propriá-SE  
2008

Dedicamos de coração a todos aquele que foram fundamentais em nossa jornada acadêmica: nossos pais, esposa, namorada, professores, amigos e em especial aos Antonio Carlos Du Aracaju.

# AGRADECIMENTOS

A Deus, senhor do tempo e da história, que nos deu a faculdade para realização deste trabalho, nossa sincera gratidão.

Aos nossos pais, irmãos, esposa, namorada, e demais familiares e amigos pelo incentivo constante, força e compreensão nas horas de ausência e de intenso trabalho, vocês todos são dignos de receber nossos agradecimentos.

Aos amigos e companheiros de viagem que estiveram sempre presentes no difícil e longo percurso diário de Porto da Folha a Própria, obrigado por partilhar conosco as experiências, vivida ao longo desses três anos, mas valeu a pena.

Aos colegas de sala, verdadeiros companheiros de vida acadêmica, muito obrigado.

Aos nossos professores, lembraremos para sempre de vocês. Aos demais funcionários desta instituição. Ao nosso orientador e amigo, professor M.sc Renaldo Ribeiro Rocha, obrigado pela força, encorajamento e paciência.

Aos entrevistados que partilharam suas experiências conosco, obrigado também pela disposição e alegria em nos receber. A Antonio Carlos dos Santos (Antonio Carlos Du Aracaju), que não mediu esforços e nos disponibilizou tempo e material necessários para construção desse TCC.

Enfim, a todos que colaboraram de forma direta ou indireta para a concretização desse nosso desejo. Nossos sinceros agradecimentos!

*Minha família: não abro mão do convívio com ela. A família é o patrimônio do homem e a principal coluna que sustenta uma nação.*

*Antonio Carlos Du Aracaju*

## RESUMO

A presente biografia visou trazer a comunidade acadêmica e a todos que admiram o trabalho de Antonio Carlos Du Aracaju, um pequeno contributo acerca da sua trajetória pessoal, na construção de uma carreira marcada por percalços e uma série de superações de toda ordem, para levar ao povo sergipano um pouco mais da cultura regional manifestada numa proposta de valorização dos elementos culturais da nossa terra. A construção desse biografia não se esgota em si mesma, mas traz a oportunidade de vislumbrarmos esse personagem tão impar, forjado no sertão de Porto da Folha, mas, que nunca ficou restrito as possibilidades de limitação de sua terra natal, ao contrário, soube buscar as oportunidades que a vida lhe apresentou, desenvolvendo uma verdadeira caminhada rumo às suas realizações pessoais materializadas numa carreira artística consolidada.

Antonio Carlos dos Santos, nascido em 10 de abril de 1952, em Porto da Folha, Sergipe, artisticamente Antonio Carlos Du Aracaju, filho de Afonso dos Santos e Terezinha Lucas dos Santos. Em sua infância dividia seu tempo em ajudar o pai em uma pequena padaria, fazendo entrega dos pães ou a caminho da Ilha do Ouro (povoado a 6 km da cidade onde nasceu), as margens do Rio São Francisco, onde colocava uma trouxa de roupa na cabeça para sua mãe lavar e assim, contribui com o orçamento da família. Por volta dos seus 9 ou 10 anos de idade, com consentimento dos pais o Bispo Dom Jose Bradão de Castro da Diocese de Propriá, leva-o para mora e estudar na Cidade de Própria no Seminário São Geraldo, e após três anos é transferido para o Seminário Arquidiocesano na Cidade de Aracaju, onde concluiu seu estudos.

Em 1972, através de concurso público ingressa na Petrobrás, trabalhando por longos 25 anos. Seu grande destaque musical começou com a criação do Grupo Musical Bolo de Feira 1978, onde percorreu todos Brasil em apresentações no projeto Pixinguinha, fazendo

um grande sucesso; após seis anos de Bolo de Feira, decido investir em carreira solo e consegui com bons trabalho e boas apresentações, solidificar seu nome no cenário musical, não só no Estado de Sergipe e grande parte do Brasil.

Hoje Antonio Carlos dedica-se a preparação de mais um trabalho, que logo estará nas lojas especializadas e mais um Concerto (Vida de Gado), em parceria com Orquestra Sinfônica de Sergipe, será exibida provavelmente em novembro de 2008.

## ABSTRACT

This biography aimed to bring the academic community and all who admire the work of Antonio Carlos Du Aracaju, a small contribution on their personal history, in building a career marked by a series of mishaps and overrun the whole order, to lead the people sergipano a little more of the regional culture expressed in a draft valuation of the cultural elements of our land. The construction of this biography does not end in itself, but brings an opportunity to vislumbrarmos this character so odd, forged in the Folha de Porto sertão, but that was never restricted the possibilities of limiting their homeland, in contrast, has managed seek the opportunities that life has presented him, developing a real path towards their personal achievements material on a consolidated artistic career.

Antonio Carlos dos Santos, born April 10, 1952, in Port of Leaf, Sergipe, artistically Antonio Carlos Du Aracaju, son of Afonso dos Santos and Terezinha Lucas dos Santos. In his childhood divided his time to helping his father in a small bakery, making delivery of bread or a path of the Island of Gold (village to 6 km from the town where he was born), the banks of the River San Francisco, where he placed a trouxa of clothes the head for his mother wash and thus contributes to the budget of the family. Around their 9 or 10 years old, with the consent of parents Bradão Bishop Dom Jose de Castro of the Diocese of Propriá, takes you to live and study in the City of Self Seminary in St. Gerard, and after three years is transferred to Seminar Arquidiocesano in the city of Aracaju, where he completed his studies.

In 1972, through public tender in entering Petrobras, working for long 25 years. His high musical began with the creation of the Group Musical cake Fair 1978, where he traveled all presentations on the project in Brazil Pixinguinha, making a great success, after six years of cake Fair, decided to invest solo career and has achieved some good work and



Good presentations, solidify his name in the music scene, not only in the state of Sergipe and large parts of Brazil.

Today Antonio Carlos is dedicated to preparing for another work, which soon will be in stores and more specialized a Concerto (Life of Livestock), in partnership with Symphony Orchestra of Sergipe, probably will appear in November 2008.



Foto 01: Antonio Carlos Du Aracaju  
Fonte: Acervo: Antonio Carlos Du Aracaju

## LISTA DE FOTOS

Foto 01: Antonio Carlos Du Aracaju .....	10
Foto 02: Antonio Carlos em novena no Seminário São Geraldo, Propriá/SE .....	17
Foto 03: Antonio Carlos, à esquerda, em frente ao Seminário São Geraldo, Propriá/SE .....	22
Foto 04: Grupo Musical Bolo de Feira, integrantes da esquerda para direita: Benet, Maroaldo, Antonio Carlos, Zezinho e Mika .....	28
Foto 05: Antonio Carlos em participação no III Festival Universitário de Música na Cidade de Maceió - AL .....	30
Foto 06: Antonio Carlos Du Aracaju em apresentação na Festa dos Vaqueiros na cidade de Porto da Folha, Sergipe .....	34
Foto 07: Diploma de Deputado .....	37
Foto 08: Capa do Jornal da Cidade em 11/06/2006 em apresentação no Teatro Ateneu, na cidade de Aracaju, Sergipe .....	39

### ANEXOS:

- Foto 09: Documento referente a liberação da música “carreiro” .
- Foto 10: Documento de referente a proibição da música “depois que escaldar”.
- Foto 11: Capas de discos referente a participação em discos coletivos.
- Foto 12: Referente às capas de disco de vinil.
- Foto 13: Show de Antonio Carlos Du Aracaju com participação de AlceuValença na Missa dos Vaqueiros em Areia Branca –SE.
- Foto 14: Grupo Musical Bolo de Feira em Brasília.
- Foto 15: Antonio Carlos Du Aracaju na base de serviço da Petrobras.
- Foto 16: Mostra da composição musical “Sertão Imagem de um Tempo”.
- Foto 17: Diploma referente ao programa viva Itabaiana “honra ao Mérito”.
- Foto 18: referente ao grupo musical Bolo de Feira em visita a Brasília com o presidente José Sarney.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	13
CAPITULO I .....	15
1.1 Onde se conta da infância de Antonio Carlos du Aracaju à aspirações de menino a vir a ser músico .....	15
CAPITULO II .....	24
2.1 Onde se conta do ingresso no seminário arquidiocesano ao “Bolo de Feira”. .....	24
2.2 “Bolo de Feira” e o Projeto Pixinguinha .....	28
2.3 Antonio Carlos Du Aracaju (em carreira solo) .....	29
CAPÍTULO III 32	
3.1 Onde se conta de Porto da Folha, o primeiro torrão à Aracaju .....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	44
ANEXOS	

## INTRODUÇÃO

Este projeto tem por objetivo mostrar as realidades vividas por Antonio Carlos Du Aracaju, desde a sua infância aos dias atuais mostrando também como pano de fundo dessa história, que na época de sua infância as dificuldades imprimiram no menino um desejo de superar as agruras de um período difícil marcado em muitos momentos pela seca inclemente do sertão sergipano

Partindo desse ponto tentaremos relatar aqui não só a infância dura e sofrida que viveu este cidadão de características específicas , mas também, todo o percurso que foi vivido por ele para que se tornasse o cidadão ilustre de Porto da Folha e de todo norte e nordeste que é hoje.

Para tanto buscamos nos aprofundar em assuntos que correspondessem a este tipo de pesquisa, tendo sido eles os livros Usos e Abusos da Historia Oral da autora. Marieta de Moraes Ferreira e Janaina Amado, além do livro Grandeza e Miséria de Biografia do autor Vavy Pacheco Borges. E em se tratando de um artista procuramos ler biografias relacionados a este tipo de profissão, como a biografia de Renato Russo e a biografia de Tim Maia.

Tais obras foram fundamentais pois serviram de parâmetro para coletarmos os elementos essenciais na construção da referida obra como; jornais Correio de Sergipe, Jornal da Cidade e Na Boca do Poço, ou fotografias que por si só já expressam muitas coisas relacionadas a vida do biografado, onde fica claro também o grau de relacionamento com os outros artistas como Alceu Valença.

Claro que esta pesquisa esta focada na linha musical deste artista, onde destacaremos também os trabalhos por onde passou, dando uma ênfase em sua trajetória de superação pessoal, assinalada pela aprovação em várias universidades sendo a maioria delas

federais, estando agora prestes a terminar o curso de jornalismo na Universidade Tiradentes, que na verdade era o curso que ele sempre quis fazer.

Antonio Carlos Du Aracaju, foi e é uma pessoa de grande importância para o desenvolvimento da cultura regional em seus vários aspectos. Destacava-se entre as outras crianças pelo seu jeito educado, compreensivo e solidário com as pessoas que o cercavam. E é importante hoje pelo fato de não ter perdido nenhuma dessas características ou melhor ganhou várias outras conquistadas com a maturidade e a experiência ameadas na trajetória de uma vida marcada por um convívio em um mundo amplo e diversificado sobre o ponto de vista cultural. Na atualidade continua desenvolvendo projetos relacionados ao desenvolvimento cultural regional que pode ter como consequência disso a melhora do desenvolvimento intelectual das pessoas dessa região.

Portanto são pessoas deste tipo que as vezes nas maiores dificuldades conseguem resgatar as forças para seguir seu sonho ou objetivo que demonstra as características de um cidadão Portofolhense ou melhor dizendo de um “buraqueiro de Encher e Mear”.

## CAPÍTULO I

### **1.1 Onde se conta da infância de Antonio Carlos du Aracaju, as aspirações de menino, a vir a ser músico.**

Porto da Folha, a 190 Km da capital do estado de Sergipe, se destaca pelas suas manifestações culturais, riqueza natural de um povo representado por: índios Xocós, comunidade Quilombola e a tradicional Festa dos Vaqueiros. Dentre outras de nosso estado, tais manifestações são cantadas e representadas folcloricamente por um filho ilustre, Antonio Carlos du Aracaju, que viveu em uma época onde as oportunidades eram poucas e os empecilhos muitos. Assim é a trajetória de Antonio Carlos Du Aracaju (Antonio Carlos dos Santos, nascido em Porto da Folha-SE, no dia 10 de abril de 1952): não foge do conceito de que só em nascer no sertão em tal época — onde existiam inúmeras dificuldades para todos aqueles que vivem ou viveram em uma terra que foi (e ainda é) pouco assistida, levando todos os seres a procurarem de todas as formas o ganho para manterem com dignidade sua família, na lavoura ou na lavagem de roupas, tendo que caminhar a pé seis (6) quilômetros — buscando uma forma possível de vida longe das agruras dessa região castigada pelos fenômenos naturais.

Assim fazia o garoto Antonio Carlos com sua digníssima mãe, dona Terezinha, em direção ao povoado Ilha do Ouro, do município de Porto da Folha, às margens do rio São Francisco ou ajudando seu pai em sua pequena padaria de onde tirava, com muito sofrimento e honestidade, parte do seu sustento; portanto é de se pensar “uma padaria” que, por volta de 1960, não dava pra tirar o sustento. Se compararmos com nossa realidade atual, daria sim, mas imaginemos em tal época, onde a própria população não tinha o dinheiro para comprar outras coisas mais úteis; portanto para seu Afonso vender seus pães era bastante complicado.

Seu Afonso tinha a padaria como ganha-pão, porém era da rizicultura que tentava tirar o sustento para seus sete (7) filhos.

Afonso dos Santos e Dona Terezinha Lucas dos Santos, que compõem a família de sete filhos, vivem unidos matrimonialmente desde 1951. Fazem gosto de falar do seu filho famoso e não poupam elogios quando se referem a sua infância; nada mais justo na vida de um ser humano que abria mão de muitas diversões para ajudar o pai na padaria ou colocar uma pequena “trouxa” de roupa na cabeça e ir com a mãe para a Ilha do Ouro para lavar; portanto o menino com sua ajuda garantia no dia de feira um acréscimo no pouco que podiam comprar para o sustento da família.

“Quando não estava comigo a caminho da Ilha do Ouro, estava ajudando o pai na pequena padaria, entregando pães bem cedinho ou ajudando de outra forma; nunca deu trabalho; e olhe que era pequeno: 8 ou 9 anos de idade. Na escola sempre fazia todos os deveres sozinho, tinha boas notas e bom comportamento e as professoras gostavam de ouvi-lo cantar; sempre foi entusiasmado por cantar e, para ganhar as bolachinhas de Dona Alzira, cantava todo dia”. *(Entrevista concedida por Terezinha Lucas dos Santos, em 03/05/2008)*

Para uma vida em que o pouco é quase nada, o menino sempre estava disposto a ajudar os pais, também por ser o mais velho; comum na época, os filhos homens assumiam responsabilidades. Com Antonio Carlos não foi diferente, contudo ele não deixava de alimentar o sonho de um dia ser um cantor, dom com o qual nasceu. Sem enfrentar escola de música na infância sofrida, aprendeu sozinho a dedilhar as cordas do violão, onde já tocava alguma coisa, fato que comoveu o padre José Carvalho na época em que Antonio Carlos servia à igreja como coroinha, ganhando do mesmo seu primeiro violão, que deixou o menino pulando de alegria ao receber o presente tão precioso.

O senhor Afonso e a senhora Terezinha contam que, certo dia, o menino pediu pra eles irem ver a entrega de água no povoado Lagoa da Volta e, quando voltaram, a surpresa:



“De repente vem Carlinhos com o bispo da diocese; muito católica que sou, fiquei muito contente. Foi quando Dom José Brandão de Castro (bispo da diocese de Propriá) me pediu para levar ele para estudar no seminário dos padres, e logo imaginei que iria ser padre e não pensei duas vezes, concordei. O bispo levou para morar no seminário e, de vez em quando, nós mandávamos um trocado para ele mandar alguém lavar as roupas dele; aí fiquei sabendo que ele mesmo era quem lavava as roupas e com o dinheiro pagava a uma mulher para lhe ensinar a tocar violão, mas eu nunca disse a ele que eu fiquei sabendo disso”. (Entrevista concedida por Afonso dos Santos e Terezinha Lucas dos Santos em 03/05/2008)



Foto 02: Antonio Carlos em novena no Seminário São Geraldo, Propriá/SE  
Fonte: Acervo Antonio Carlos Du Aracaju

Antonio Carlos dos Santos, artisticamente “Antonio Carlos du Aracaju”, dos pais herdou o gosto pela música folclórica, uma vez que o avô tinha uma banda de pífano, onde tocava com seu pai e com seu tio; da mãe herdou o lado boêmio do cavaquinho, do violão, das serestas e das brincadeiras, como exemplo as folclóricas cantigas cantadas pelas “plantadeiras” de arroz na passagem pela várzea em direção à Ilha do Ouro com a sua mãe. Em sua infância, nunca foi de contrariar seus pais, porém o tempo que lhe sobrava era muito pouco e, no espaço que ele dedicava ao lazer, procurava o avô materno, que tocava cavaquinho, coisa que chamava sua atenção. Sendo esse menino atento e dedicado a aprender alguma nota, por outro lado, seu avô paterno também fez com que o menino trabalhador e

humilde se dedicasse à música para angariar um futuro melhor — embora nem sempre este tipo de carreira desse certo — para que tudo aquilo que vivia fizesse parte apenas da sua história de vida. Mas é à dona Alzira que nosso biografado rasga seus elogios — a vizinha da família — que foi sua primeira incentivadora. Podemos destacá-la também com o título de fã número um: o então menino cantava para dona Alzira e, no fim de cada espetáculo, ganhava de cachê algumas bolachinhas de goma, onde o próprio Antonio Carlos tinha o cuidado de levá-las para o lanche da escola.

Foi na escola, com Dona São Pedro, sua primeira professora, que já não se encontra entre nós, com metodologia antes de qualquer outra coisa disciplinadora, que o garoto Antonio Carlos deu seus primeiros passos na vida escolar. Tal escola, por ironia do destino, se localizava bem próxima à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, hoje Igreja Matriz, contudo a escola São Pedro se localizava na sacristia da mesma, não demorando para Antonio Carlos logo fazer parte do coral, não por ofício, mas como devoto que é de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade de Porto da Folha, onde o próprio Antonio Carlos hoje rege um coral que se apresenta no dia 08 de dezembro, onde comemora-se o dia da padroeira pelas ruas da cidade.

“Provei e reprovei muitas vezes por achar que não merecia. Antes de “entrar” para alisar os bancos eu ficava sentado no chão de tijolinho escutando e flertando os ABCs dos alunos. E quando cheguei à idade de ir à escola já sabia até “assoletar” o “bê a ba”. (Antonio Carlos Du Aracaju, em entrevista concedida ao Jornal da Cidade, caderno C, Aracaju 11 e 12 / 06 / 2006).

Antes de estudar na tradicional Escola de 1º Grau Maynard Gomes, localizada na Avenida Tobias Barreto, Antonio Carlos passou pela escola de Dona Zelha na Rua Maria Eugenia de Sá (Rua de Cima); contudo, no Maynard Gomes concluiu o primário, juntamente com seu tio Aluízio, que era na infância e seria no futuro um dos principais amigos e parceiros em composições inéditas, feitas nas horas de diversão ou no Alto do Cruzeiro (

mirante da cidade ), onde tinha contato direto com a natureza, harmonia perfeita para compor música.

Aluízio Alves Lucas conta que é mais novo um ano de idade em relação ao sobrinho, mas em toda sua trajetória sempre esteve presente na vida do sobrinho e amigo Antonio Carlos, desde as brincadeiras que inventavam, como: uma grande fazenda de pontas de bois colhidas no matadouro municipal, para entender melhor: as pontas simbolizavam um rebanho de gado, uma imitação dos grandes fazendeiros da região; ou fazer tapagem para prender a água da chuva: quando chovia era uma festa para todos, por isso a brincadeira de fazer tapagem. E quando dona Terezinha tinha que viajar para comprar a farinha de trigo na cidade de Propriá para a produção dos pães, os garotos tio e sobrinho aproveitavam a ausência do pai e da mãe e brincavam de fazer “churrasquinho”, uma brincadeira muito perigosa, mas que culpa têm dois garotos de infância pobre que pegavam um candeeiro (ou candeia para alguns), acendiam e faziam churrasquinho do sebo (gordura do boi) para comer com café e farinha, brincadeira severamente repreendida pelos pais.

Para Aluízio, os momentos de brincadeira eram poucos, divididos entre ajudar o pai de Antonio Carlos na padaria e na lavagem de roupas na Ilha do Ouro com sua mãe, para ajudar na renda da família:

“Não éramos de fazer travessuras de grande porte, sempre estávamos tentando ingressar na música, por isso abríamos mãos de outras brincadeiras, fazíamos de tudo um pouco entre entregar os pães ou dedicar-se ao trio que almejávamos montar com o intuito de participar do programa de calouros existente na cidade de Porto da Folha, contudo o programa dava espaço a todos e era uma espécie de caça talentos e não cobrava cachê para se apresentar para o público, sempre muito concorrido.” (Entrevista concedida por Aluízio Alves Lucas em 28/04/2008).

Era a grande oportunidade de que precisaria Antonio Carlos para demonstrar seu talento para um público maior, sem esquecer o seu principal e único público, Dona Alzira, sua principal incentivadora. Hoje o programa de calouros já não existe mais, encontrando-se agora no local um supermercado que fica localizado no centro da cidade.

Tanto o Aluízio quanto Antonio Carlos têm a mesma opinião de que o Cine Teatro Guarany já foi o palco para muitos “buraqueiros” mostrarem seu talento, pois a concorrência era grande, mas sempre tinha espaço para todos.

O trio era composto por Antonio Carlos, que cantava e tocava violão; Aluízio, que cantava e tocava percussão; e José Gregório, que também cantava e tocava pandeiro, este irmão do senhor Afonso, pai de Antonio Carlos. Ambos fizeram questão de ressaltar que não existia líder no trio, contudo o grupo era formado por adolescentes, aproximadamente no ano de 1964. Tudo que o trio queria era se apresentar, ouvir os aplausos da platéia que sempre lotava o programa para ver as apresentações dos calouros; o trio, no fim de cada apresentação no Cine Teatro Guarany, recebia um brinde que poderia ser um simples sabonete, um frasco de perfume, uma lata de doce de goiaba e etc.; o que de fato importava para o trio não era o valor de cada prêmio e sim o prazer de cantar músicas dos seus ídolos. Cantavam músicas de grupos consagrados, que faziam sucesso no país inteiro: Golden Boys, Os Incríveis, Renato e Seus Blue-caps, entre outros, por se tratar de um ritmo alegre e que todos na época gostavam.

Indagado sobre como aprenderam a tocar instrumentos, Aluízio naturalmente respondeu:

“Nunca estudamos música, nossa realidade não dava condições, mas nos momentos que estávamos sonhando em ser artistas; ficávamos no quintal da casa de Antonio Carlos e construíamos uma bateria de latas, tudo bem improvisado que nos dava a sensação de estarmos tocando com instrumentos de verdade e daí surgia cada vez mais o gosto pela música, e foi o pouco que aprendemos naturalmente e espontaneamente”. Entrevista concedida por Aluízio Alves Lucas em 28/03/2008).

O Cine Teatro Guarany era um espaço democrático, mas, para assistir aos calouros, o público pagava um ingresso a um preço acessível, algo que não comprometesse a renda de cada um, o que comprovava o sucesso, pois sempre estava lotado; seu proprietário, o senhor Acrízio, um dos primeiros farmacêuticos a se instalar na cidade de Porto da folha, já falecido, conta Aluízio.

*“Contudo, os dias de apresentações fixados para os calouros eram aos sábados e domingos, ponto de encontro de casais que aproveitavam para se divertir com hilários calouros”. (Entrevista concedida por senhor Aluízio Alves Lucas em 28/03/2008).*

Contudo, o trio de Antonio Carlos, que não chegou a ser batizado, foi bastante ovacionado em suas apresentações. Ensiavam muito pouco e sempre levavam o caso como brincadeira, daí a razão de não ter havido um líder no grupo. Claro que um trio formado por adolescentes não poderia ganhar prêmio por organização, mas o trio de Antonio Carlos merecia o prêmio por força de vontade e dedicação à música.

*“Eu achava uma coisa muito distante, absurda para um garoto de Porto da Folha, de família pobre. Na época eu me via mais vaqueiro montado num cavalo do que num palco. Para mim já era suficiente ganhar os prêmios num programa de calouros. Uma timidez sem medida me empurrava para os bastidores, mas os meus tios José Gregório (irmão de papai) e Aluisio (irmão de mamãe) inventaram de agente cantar como os Golden Boys. A gente sabia todas as músicas e cantávamos em três vozes batendo lata ou em uma mesa velha no quintal da minha casa. A afinação do trio era incrível mas ficava aí mesmo”((Antonio Carlos du Aracaju em entrevista ao Jornal da Cidade, caderno C, 11 e 12/06/2006).*

Quando falamos em oportunidade é porque, de uma forma ou de outra, elas aparecem. O que dizer da oportunidade de estudar para ser uma pessoa culta e vencer na vida, e mais, tentar concretizar um sonho de infância, tocar sax. É verdade, graças ao bom comportamento do menino que, ao invés de procurar outras formas de se divertir, aproveitava uma carona e ia ver a distribuição de água para comunidade carente do povoado Lagoa da Volta, a dezoito (18) quilômetros de Porto da Folha e entre uma distribuição e outra o menino, em pura simplicidade, vendo aqueles animais com sede, pegava uma vasilha e saciava a sede dos carneirinhos que se encontravam próximos a ele. Tal gesto fez com que o bispo da diocese de Propriá, Dom José Brandão de Castro, que se encontrava no povoado para inaugurar a capela de Santa Luzia, padroeira do povoado, no dia 13/12/1961, ao ver aquele menino franzino e simples, olhando para aqueles carneiros e ser solidário servindo-lhes água, contra a vontade de algumas pessoas, comoveu o bispo que logo em seguida o chamou e o

conheceu, dando-lhe a primeira grande oportunidade ao menino sonhador: estudar no seminário São Geraldo, na cidade de Propriá.



Foto 03: Antonio Carlos, à esquerda, em frente ao Seminário São Geraldo, Propriá/SE  
Fonte: Acervo Antonio Carlos Du Aracaju

Não demorou e foi perguntado se queria morar em Propriá para estudar no Seminário São Geraldo. Não pensou duas vezes e foi taxativo: “Vou.” E perguntado se os pais concordariam, respondeu: “Se não aceitarem, eu aceito.” Então Dom José Brandão de Castro, com consentimento dos pais, levou Antonio Carlos, desfazendo-se desse modo o trio. Mas sempre que se encontram, relembram o passado com boas músicas.

Já Antonio Carlos, perguntado sobre os carneirinhos, fez questão de ressaltar a importância de fazer o bem, e ratificou que “Plantando o bem, o bem colherá”.

Morando em Própria, por volta de 1964, seguiu seus estudos e dedicou-se ao aprendizado do piano clássico no seminário. Contudo o que sonhava mesmo era aprender a tocar sax, coisa que até hoje não conseguiu. Talvez falte-lhe tempo para tal dedicação, objetivo este que não faltou para o menino que saiu do semi-árido sergipano para morar em outra cidade longe dos pais e amigos. Mas para o menino, que em sua infância ouvia o som do cavaquinho e o interessante som do pífano tocado por seus avós materno e paterno, que

também gostava de ouvir Luiz Gonzaga, Clemilda e Jackson do Pandeiro e cantava para ganhar as saborosas bolachinhas de Dona Alzira, viver longe dos pais e amigos não foi um obstáculo difícil a ser vencido; agora com o apoio do bispo Dom Jose Brandão, as portas para uma vida promissora se abriam, levando o menino inocente, com seu gesto solidário ajudando os carneirinhos, a ser considerado um dos grandes representantes da música popular sergipana.

“Quando fui para Propriá acabou o trio. Isso aconteceu no ano de 1964. Adeus cantar. Somou-se à minha timidez, a família complicada onde eu morava ( um quarto, uma sala ) com mais 12 pessoas se revezando para dormir, para comer, para banheiro feito com tábuas. Mesmo assim, tive aulas de canto com a professora Odete e participava do coral da escola de música. Foi quando tomei gosto pela música erudita. O canto coral e harmonias arrojadas que até hoje cultivo nos meus trabalhos musicais”. (Antonio Carlos Du Aracaju em entrevista concedida ao Jornal da Cidade, caderno C, 11 e 12/06/ 2006).

## CAPÍTULO II

### 2.1 Onde se conta do ingresso do seminário arquidiocesano ao “Bolo de Feira”.

Após estudar três anos em Propriá, no seminário São Geraldo, o então menino que viera de Porto da Folha, não baixou a guarda, precisaria de um novo rumo para dar continuidade na realização do sonho e poder, com os frutos do estudo, proporcionar dias melhores para aqueles que, mesmo distantes, estavam juntos espiritualmente na realização do sonho do menino em ascender na música. Encaminhado por Dom José Brandão de Castro em 1967 para o seminário arquidiocesano, sediado na capital do estado, chegou em Aracaju vendo outra realidade. Antonio Carlos, jovem e com certa maturidade jovial, se via deslumbrado com a vida na capital; porém, tudo aquilo era novo na visão de quem saiu do interior e foi natural que ocorresse um choque cultural, fato que para Antonio Carlos foi fundamental como lição de cada experiência vivida. Chegando no arquidiocesano, é recebido pelo hoje cônego José Carvalho de Souza, que já conhecia Antonio Carlos desde o seminário São Geraldo e na ocasião deu-lhe de presente o primeiro violão.

“Fui Encaminhado para estudar no arquidiocesano pelo bispo Dom Brandão de Castro em Propriá por volta de 1967 que cheguei em Aracaju, tendo tomando um susto pois para quem saiu do interior, no sertão para ir para grande cidade a capital de Sergipe, onde as pessoas tinham outra mentalidade, foi um grande susto, no arquidiocesano concluí na época o grau secundário terminando e iniciando o científico, onde concluí o primeiro e segundo ano no mesmo, já o terceiro foi no Ateneu”. (Antonio Carlos dos Santos em entrevista concedida em 19/05/2008)

Antonio Carlos em Aracaju vivia dividido entre os estudos e a fase difícil que atravessava sua família no alto sertão, em consequência de uma grande seca, por volta de 1971, onde não bastavam as coisas negativas dos fenômenos comuns na região, existiam as



dificuldades financeiras e problemas de saúde envolvendo sua família, o que levou Antonio Carlos a optar por uma única saída: trabalhar e deixar instantaneamente de lado os estudos e tentar garantir, de certa forma, o sustento da família; porém que trabalho poderia fazer, se a única profissão do jovem interiorano era estudar, tocar violão e cantar? Foi então que surgiram vários trabalhos e participações em bandas de baile na noite aracajuana; o mesmo recorda com carinho tais momentos de transformação e responsabilidade.

“Não seria bem atrapalhar, afinal de contas arte musical independente e sem grandes esquemas promocionais e empresários competentes não preocupados em apenas encher os bolsos de dinheiro, o artista não vive, resiste. E o sucesso é uma grande mentira; então administrando bem meu tempo, é possível já estar completando 16 anos de Petrobras sem faltas ou repreensões, 10 anos de trabalho musical e pesquisa, e lembrar que há bem pouco deixei a faculdade de jornalismo. A diversidade ou o paradoxo que é ser ator, trabalhando sempre com gás, coleta, compressão, tratamento, gasoduto e música é terrível, pois empresa nos toma 12 horas diárias e a inspiração não se aluga ou baixa como santo em terreiro de macumba”.(Antonio Carlos Du Aracaju em entrevista ao jornal “Na Boca do Poço” pág. 05 coluna “nossos valores” 1988, Aracaju - SE)

Antonio Carlos não se deixou levar pela empolgação de ser um cantor de baile, fato esse que outros passariam a dedicar apenas seu tempo para cantar, contudo para Antonio Carlos cantar nas bandas de baile era a oportunidade que tinha para defender “algum”, porém se destacou em outros grupos, mesmo que por pouco tempo: os “Vikings”, (grupo de rock), “Embaló D” e com a orquestra do maestro Medeiros. Mesmo trabalhando e fazendo o que gosta: cantar, Antonio Carlos arrumava tempo para estudar. Todavia sabia que da música no estado de Sergipe não conseguiria amenizar o sofrimento dos seus, porém com sua dedicação, através de um concurso público, ingressou na Petrobras no ano de 1972, onde desempenhou por longos 25 anos as funções que lhe eram atribuídas, funções técnicas tanto no próprio estado como em Alagoas, Bahia, Rio de Janeiro, sendo em terra ou em alto mar. Hoje Antonio Carlos desfruta de merecida aposentadoria pela Petrobras desde 1997.

“Meu ingresso na Petrobrás foi através de um concurso com várias disciplinas, biologia, matemática, português entre outras, fui aprovado em 5º lugar e chamado para trabalhar no mesmo ano em 1972. Na empresa conheci o Brasil todo, sendo assim as condições de estudo eram muito poucas por que às vezes às 5 horas da manhã o pessoal chegava em Aracaju na minha casa para irmos para Salvador; era uma coisa muito corrida; contudo faltava-me tempo.” (Antonio Carlos Du Aracaju em entrevista concedida em 19/05/2008).

O cantor, compositor e funcionário da Petrobras, na década de 80 prestou vestibular três vezes, com êxito em todos: jornalismo, filosofia e inglês. Contudo, por desempenhar suas funções na empresa, tinha, por via de regra, que desempenhar suas funções em vários estados do Brasil, impossibilitando a conclusão dos cursos em que foi aprovado.

“Tentei fazer vestibular para odontologia, depois pensei em fazer para filosofia, após a aprovação desisti e fiz para inglês onde fui aprovado na UFS, desisti, fiz jornalismo na UNIT. Muitas vezes tornava-se muito difícil este estudo porque o chefe da empresa dizia que eu era pago para trabalhar e não para estudar, tendo assim que cancelar estes cursos”. (Antonio Carlos Du Aracaju em entrevista concedida 19/05/2008).

Dentro da empresa, o funcionário exemplar; fora, Antonio Carlos, pesquisador da cultura do estado que é, fundou o grupo musical “Bolo de Feira”, composto por: Antonio Carlos (voz e violão), Benet (flauta, percussão e pífanos), Ademir (bateria), Maroaldo (zabumba e percussão), Jairo (contrabaixo), Zezinho (viola e voz) e Mica (acordeon). O grupo musical crescia rápido, participava de festivais com músicas próprias, culminando com conquistas de prêmios em vários quesitos: com a música “Fé ó José” de autoria de Antonio Carlos, o grupo ganhou o prêmio de melhor arranjo; e a música “O Caminhante” obteve o 5º lugar na classificação geral, em festival realizado pela TV Sergipe em 1981.

Com o versátil grupo “Bolo de Feira” que a cada dia “subia um degrau” se destacando em todo o país, levando aos quatro cantos do Brasil com muita humildade um trabalho bem elaborado, graças às incansáveis e constantes pesquisas de Antonio Carlos que, por onde passou, divulgou as manifestações culturais e o folclore do riquíssimo estado de Sergipe, que se engrandecia no ritmo autêntico do grupo “Bolo de Feira”, liderado pelo próprio Antonio Carlos. Por volta de 1980, foi gravado o primeiro disco, um compacto duplo;

logo em seguida, o segundo compacto duplo, onde é gravada pela primeira vez a música “Meu Papagaio”, composta e adaptada pelo próprio Antonio Carlos.

*“Por volta de 1978, eu e Zé Rufino tivemos essa idéia de formarmos um grupo para cantar músicas nossas e sertanejas, então com Antonio Carlos, o grupo cresceu e veio Benet, Mica e Zezinho e nos reunimos para dar um nome ao grupo; eu tinha já em mente “frutos da terra” e todos citavam nomes, mas o que mais convencia era a opinião de Antonio Carlos, que tinha proposto “a feira”, ficamos discutindo porque a feira, ele inteligente dava suas explicações, falando das coisas boas da feira, bolo de macaxeira, bolo de arroz, bolo de milho; então surgiu a idéia do próprio, por que não bolo de feira? E assim nascia o grupo com 5 componentes; Antonio Carlos era o líder e cantava músicas da jovem guarda e rock, mas o que me chamou a atenção mesmo foi no festival de 80 a 82, não me recordo a data, em que estávamos participando com o “Bolo” e ele cantou Asa Branca em inglês e todos calaram só para ouvi-lo, isso aconteceu no Rio de Janeiro e isso demonstrava a coragem de ousar e representar. Vê-lo em cima do palco dava prazer com dançarinos autênticos de quadrilhas juninas, elementos do nordeste: bolo, rapadura, pé-de-moleque, enfim, com Antonio Carlos “ o Bolo de Feira” já nasceu grande. Quando fizemos o primeiro show, o Brasil passava por momento de censura e repreensão e o tema do nosso show era “acorda, brasileiros” criação do próprio que sentia que melhores dias viriam. E passavam-se 6 anos de bolo de feira e eu sentia que Antonio Carlos podia sair a qualquer momento, assim como acontece com os grandes grupos de qualquer lugar em que sempre o cabeça sonha ingressar em carreira solo, o que nos deixou saudade, e me orgulho em dizer que o “Bolo de Feira” foi o único grupo sergipano a participar do Projeto Pixinguinha nacional, todavia a música que mais se destacou no estado e em partes do nordeste, “Meu Papagaio”, considerada por muitos o segundo hino de Sergipe, elaborada por Antonio Carlos, que foi resgatada pelas constantes pesquisas de um dos caras mais cultos ou notáveis que eu conheço”.*  
(Entrevista concedida por Maroaldo Alves, que fala da trajetória do Bolo de Feira referente à participação de Antonio Carlos Du Aracaju em 16/04/2008).



Foto 04, Grupo Musical Bolo de Feira, integrantes da esquerda para direita: Benet, Maroaldo, Antonio Carlos, Zezinho e Mika.

Fonte: Acervo Antonio Carlos Du Aracaju

## 2.2 “BOLO DE FEIRA” E O PROJETO PIXINGUINHA

Criado em 1977, o Projeto Pixinguinha tinha como principal objetivo difundir, revelar novos talentos da música popular brasileira, não importando sua origem, e formar platéias regionais através da sua circulação nacional. Resultado de uma parceria entre a Fundação Nacional de Artes (FUNARTE) e as secretarias estaduais e municipais de cultura de todo o país, que a partir de 1983 tem o apoio da Petrobras. O projeto, que revelou vários artistas em nível nacional, tinha em sua pauta várias atrações sergipanas, entre elas o grupo musical “Bolo de Feira”, quando se apresentou em várias cidades do Brasil: São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador etc. Em cada apresentação pelo país, o grupo caminhava sólido, crescente com grande aceitação onde passava, porém não só cantavam e tocavam como representavam

o que definia um espetáculo, não um show. Contudo Antonio Carlos, em 1982, v a convite da FUNARTE, reconhecendo seu potencial, é nomeado diretor musical do projeto Pixinguinha:

*“Fui convidado para trabalhar no Projeto Pixinguinha pelas próprias pessoas que trabalhavam nesse projeto, por as pessoas me verem em contato com o projeto, essas pessoas fizeram com que eu fizesse parte desse projeto, que me proporcionou várias viagens pelo Brasil, fiquei responsável pela rotina de trabalho e ensaio, fiz também um FONTOPS com cantores paulistas, entre eles João do Vale, cantor e compositor e a cantora paulista Milena, fazendo essas apresentações por todo o Brasil e terminando essa apresentações em São Cristóvão e tive a oportunidade de conhecer vários cantores famosos: Belchior, Zé Ramalho, entre outros. O projeto Pixinguinha serviu como experiência, pois nunca tinha vivido com pessoas importantes”. (Entrevista concedida por Antonio Carlos Du Aracaju, em 19/05/2008).*

### **2.3 ANTONIO CARLOS DU ARACAJU (Em carreira solo)**

Após longos anos de pesquisas, onde conseguiu reunir uma gama de elementos que favorecia optar pela sua saída do grupo, grupo este que formou, e durante seis anos aproximadamente teve a oportunidade de crescer e desenvolver trabalhos importantes no Cenário musical. Estava na hora de reunir todo seu acervo de conhecimentos da cultura popular sergipana em uma nova roupagem, com produções independentes e com estilo próprio.

*“O motivo real foi a confiança no meu trabalho extra bolo de feira, que me foi depositado e ao investimento que esta sendo feito desde a elaboração de arranjos até a escolha de músicos para o disco ( todos de São Paulo), da gravação do disco e da produção total de Fernando Cabral e Hugo Juliano, que colocaram a Pro-arte ( a firma de produção que eles dirigem ), com força total na divulgação e promoção do meu nome e do meu trabalho neste disco”. (Entrevista concedida por Antonio Carlos Du Aracaju ao jornal da cidade em 25/11/1983. Aracaju – SE. Onde fala do lançamento da carreira solo)*

Antonio Carlos du Aracaju gravou até 1989 06 LP's, incluindo os dois gravados com o grupo “Bolo de Feira”. Todas gravações independentes e os mesmos eram vendidos a simpatizantes do seu estilo e conterrâneos. Não existia contrato com gravadora alguma. Em

toda sua carreira, participou de vários festivais organizados em Sergipe ou Alagoas e inúmeras participações em discos coletivos: em 1981, no Festival de Música Popular de Sergipe, realizado pela TV Sergipe, III Festival Universitário de Alagoas (Norte Nordeste) em 1985, entre outros.

“Em festivais, participei de alguns no “Embura”, onde cantei samba e não me lembro o nome do samba e alguns realizados pela TV Sergipe em Aracaju com a música “Fé ó José” sendo essa participação no festival a saída definitiva do grupo, e tendo participado do festival em Maceió no Festival Universitário cantado as músicas “O Caminhante” e “A Matança do Boi”. Em São Paulo participei com a música “ Allea Jecta Est”, que ficou classificada entre as melhores daquele festival. (Entrevista concedida por Antonio Carlos Du Aracaju no dia 19/05/2008)



Foto 05: Antonio Carlos em participação no III Festival Universitário de Música na Cidade de Maceió - AL  
Fonte: Acervo Antonio Carlos Du Aracaju

Em São Paulo, Antonio Carlos du Aracaju participou do “Festival dos Festivais”, precisamente em 12 de agosto de 1985, inscreveu a música “Allea Jecta Est”, de sua autoria, para concorrer com mais 10.313 músicas inscritas; todavia sua música é classificada entre as trezentas melhores do festival, demonstrando que seu talento é visível, porém participar com músicas sergipanas em uma competição de nível nacional e classificar-se entre as melhores é um fato honroso para o sergipano; este, em seu cantar simples e harmonioso, traduz

sentimentos de um povo que, em vê-lo de volta a sua terra natal, em um simples passeio pelas ruas, o cumprimenta e abraça carinhosamente.

## CAPÍTULO III

### 3.1 Onde se conta de Porto da Folha, o primeiro torrão, a Aracaju

De acordo com a história de vida de Antonio Carlos, talvez ele nunca imaginou que toda aquela vida, engendrada pelas agruras da época em que viviam Antonio Carlos e familiares, todo esse contexto, hoje apenas fazem parte de trabalhos como este e persistem na memória daqueles que contribuem para a construção destes registros; que no decorrer da infância de Antonio Carlos solidificaram-se suas caminhadas pelas terras onde nasceu; assim fazia Antonio Carlos naquele percurso: “desencabeçar” das negatividades que o cercavam a admirar o canto dos pássaros e as folclóricas cantigas das plantadeiras de arroz, como: “Rodeiro novo” e entre outras cantigas resgatadas que reuniu e gravou no CD “Cantigas de roda de Porto da Folha”, um resgate da cultura portofolhense que serve para todo o estado:

“Com “pontas” colhidas no matadouro fazia meu curral de gado e me esquecia da escola numa cantoria de aboio e toada dos vaqueiros de Porto da Folha. Sempre me encantei com o canto triste dos carros de boi e do grito seguro do carreiro orientando os bois os nomes de alguns bois ainda me lembro: moço lindo, cravo roxo, zepelim, estrelinha e outros.” (Entrevista concedida por Antonio Carlos du Aracaju ao Jornal da Cidade, caderno C, 11 e 12 /06/ 2006)

Tais momentos fazem do hoje consagrado cantor e compositor sergipano um vencedor, que por onde passa constrói amizades que o fazem respeitadíssimo no gênero musical no qual se especializou no estado de Sergipe. Antonio Carlos contribui em vários sentidos e formas para a permanência das tradições culturais no estado e porque não dizer em grande parte do nordeste; por onde andou é reconhecido, entretanto este “buraqueiro de encher e mear” consegue se manter fiel ao seu estilo de música, de compor, sempre pesquisando para melhor levar para seu público uma música de qualidade. Todavia, por mais



exigente que seja o mercado da música, Antonio Carlos sempre esteve abnegando-se de outros “valores” para permanecer fiel ao seu estilo que lhe é tão caro.

“As músicas por mim compostas e cantadas têm o intuito de atingir as pessoas que se identificam com a cultura, sendo assim, não tenho muita visibilidade no sul do Brasil ou no sul da Bahia, que já é uma cultura diferente; já em São Paulo, o que menos tem nesta cidade é paulista, tendo lá muitos nordestinos; sendo assim, tenho grande respaldo em São Paulo”. (Entrevista concedida por Antonio Carlos Du Aracaju 19/05/2008).

Morando em Aracaju, capital sergipana, Antonio Carlos sempre que pode pega a estrada para Porto da Folha, a 190 Km da capital. Porém, isso hoje acontece com mais frequência. Com residência fixa na cidade, Antonio Carlos a cada dia alimenta os laços de fidelidade que lhe prende a Porto da Folha. Sempre de caráter jovial, trata a todos com respeito e constata a recíproca verdadeira do povo, portanto não mede esforços para garantir sua presença em festas de vaqueiros realizadas no município; porém é na tradicional festa dos vaqueiros da cidade onde Antonio Carlos participa ativamente. A mesma é realizada na última semana do mês de setembro de cada ano. Para ele não importa ser contratado como artista para realizar seu espetáculo, o que pode acontecer por motivos “particulares” quando não o contratam; continua ratificada sua participação na festa em meio aos vaqueiros aboiadores, pesquisando e se divertindo. Vaqueiros que em 1998 o elegeram presidente da Sociedade Recreativa Parque Nilo dos Santos, entidade que organiza parte da festa dos vaqueiros. Antonio Carlos desempenhou com bastante responsabilidade e democracia sua função por longos quatro anos, e durante o seu mandato resgatou apresentações pouco divulgadas, a exemplo das tradicionais bandas de pífanos, que naquela época ganharam espaço no contexto geral da festa. Contudo em suas constantes participações na festa, escreveu e dirigiu até hoje a peça teatral “Oração de vaqueiro”, homenagem aos desbravadores da caatinga, homens de feições rígidas e corpo enxuto, de pernas arqueadas e corpo para trás, que enfrentam as intempéries para manterem viva essa tradição no município, onde Antonio Carlos abnega-se de qualquer cachê para encenar a peça teatral em praça pública todos os anos:

“Passear a pé pela caatinga do sertão de Porto da Folha: é esse contato com a minha terra que eu renovo as asas do pensamento para escrever poesias e músicas”. (Entrevista concedida por Antonio Carlos Du Aracaju ao Jornal Correio de Sergipe, 24/06/2007, Aracaju – SE em “Os 13 prazeres da vida”).

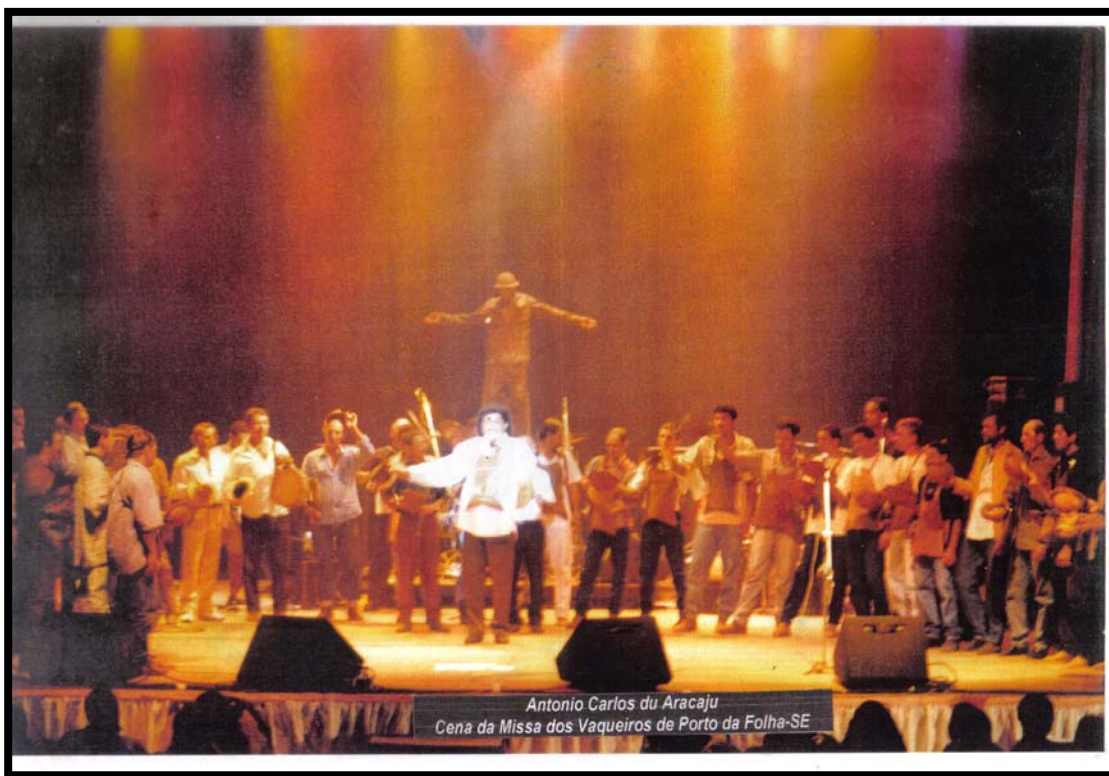


Foto 06: Antonio Carlos Du Aracaju em apresentação na Festa dos Vaqueiros na cidade de Porto da Folha, Sergipe.

Fonte: Acervo Antonio Carlos Du Aracaju

Tanto afeto a Porto da Folha fez com que a Câmara Municipal, em 1998, lhe concedesse o título de cidadão portofolhense, pelo fato de ele morar muito tempo em Aracaju, os vereadores naquele ano prestaram-lhe tal homenagem. Homenagem que só enaltece o filho ilustre. Em suas andanças pela cidade o que não falta é conterrâneos prestando-lhe elogios e há aqueles que ainda se perguntam: “Por que Antonio Carlos Du Aracaju?”, cognome que para os “enciumados” deveria ser Antonio Carlos de Porto da Folha, o que o manteria mais preso às suas raízes, fato que para seus conterrâneos, exigentes que são, aproximar-lo-ia da cidade onde nasceu e divulgaria a mesma:

“Du Aracaju é uma questão para se estudar, pois du Aracaju é um português arcaico, o certo seria du aracaiu, pois du significa para a serra e aracaiu dos cajueiros, e isso complicou porque as pessoas não diziam mais du aracaiu, ficando assim du Aracaju por uma questão de localização, por que as vezes no sul ou no Rio de Janeiro algumas pessoas perguntavam du Aracaju? Aracaju fica na Bahia? Porém se eles não conhecem Aracaju, imagine Porto da Folha”. (Entrevista concedida por Antonio Carlos Du Aracaju em 19/05/2008)

O bom filho jamais esqueceu a terra em que iniciou tudo e lhe concedeu inspiração para tanto, contudo Antonio Carlos vai além das constantes idas e vindas a Porto da Folha. Gozando de boa vida e boa saúde, Antonio Carlos já prepara sua passagem para outro plano da vida, portanto já planejou o seu último passeio nas ruas de Porto da Folha com toda pompa merecida: festa, música já composta por ele mesmo, guardada a “sete chaves” para ser exibida durante o cortejo e mais: a catacumba encontra-se construída com lápides de mármore no Cemitério Paroquial na Cidade de Porto da Folha, onde eternizará sua morada. Entre uma entrevista e outra, indagamos a Antonio Carlos sobre a possibilidade de homenagens póstumas e o mesmo usou uma frase de Adoniran Barbosa; “O que tiver de fazer por mim, que faça em vida”.

Hoje Antonio Carlos contabiliza mais de três décadas de estrada onde engloba bons e maus momentos; ovacionado, vaiado (por que não?), fato que ocorre na vida de todos aqueles que se submetem à opinião pública e estão sujeitos também às reações do público que verdadeiramente julga cada espetáculo. Portanto a carreira de Antonio Carlos surgiu desde as participações em bandas de baile na noite aracajuana e no interior do estado, que serviu e serve de escola para todo grande cantor, que de praxe deve passar por esse caminho. No versátil “Bolo de Feira”, conseguiu impor seu estilo, que criou graças à coragem de ousar e conhecer coisas diferentes, culturas diferentes, fatos que só contribuíram para fazer do amante da cultura um pesquisador das coisas do povo, sempre a se aprimorar. Em função disso, leva para o seu público o melhor do seu espetáculo, que não tem nada a ver com “show”. O que diferencia o espetáculo de Antonio Carlos do Aracaju para um “show” é o conjunto de

elementos que compõe cada apresentação do artista, desde indumentárias caracterizadas ao estilo nordestino à permanência de instrumentos musicais, como: pífanos, gaita, zabumba, triângulo e sanfona; instrumentos que hoje perdem espaço para outros modernizados. Talvez por se prender ao “passado”, Antonio Carlos deva levar o estereotipo de retrógrado e registra em seu histórico dois momentos em que não se sente satisfeito em relatar, não pela vaia e sim por saber que aquele público quiçá não sabiam da importância do seu espetáculo, porém estava ali a oportunidade de reviver nossa cultura, por estar enquadrado na mesma:

“A primeira vez que fui vaiado, estava participando de um festival em Maceió e cantava a música “Allea Jecta Est”, para um público de universitários; portanto tiver que ouvir o incômodo ruído, talvez pela grande maioria, não sei se pela música ou se pela forma em que estava vestido: roupa da empresa, capacete e botas amarelas, fardamento da Petrobrás para inspirar uma crítica; houve intervenção dos diretores, que tentaram explicar o fato e consegui no final do festival o primeiro lugar de melhor letra musical. Em Rosário do Catete, Sergipe, estava no palco e de repente as vaias; jogavam coisas em mim e diziam que eu estava atrapalhando, pois grandes bandas iriam se apresentar”. (Entrevista concedida por Antonio Carlos Du Aracaju em 19/05/200).

Antonio Carlos, na maioria dos lugares em que apresenta seu espetáculo, o faz profissionalmente e sempre volta. Faz parte da programação anual, a exemplo da programação da cidade de Areia Branca Sergipe, onde participa ano após ano dos festejos juninos, caracterizado pelo slogan ‘São João de paz e amor’, bastante querido pelos munícipes daquela cidade, foi agraciado com o título de cidadania em 1998, fato que o torna parte integrante e defensor pela permanência da arte e cultura preservada por aquela população. Não foi diferente na cidade serrana do Estado, Itabaiana, que também caiu nas graças do cantor e compositor. Em um dos seu trabalhos discográficos, lançou o CD “Itabaiana Guerreira”, que aborda e coloca em discussão a vida dos caminhoneiros amigos e famílias daquela cidade. No ano 2002, através do programa “Viva Itabaiana”, da Rádio FM Itabaiana, foi homenageado com o título de honra ao mérito, homenagem que recebeu das

mãos dos diretores da empresa por sua música estar inserida no tema do evento, “Canção que Enaltece”. Sua participação na cidade de Itabaiana vai mais além, a tal ponto que o remete a sua obediência e consideração aos maçons de Itabaiana, onde o mesmo compôs o hino para os maçons com o tema “Oh! Quão Bom é Ser Maçom”, e tem constantemente visitado todos os amigos de Itabaiana. No ano de 2007, Antonio Carlos Du Aracaju é eleito deputado federal pelo “grande oriente do Brasil” através da loja maçônica sergipana.



Foto 07: Diploma de Deputado  
 Fonte: Acervo Antonio Carlos Du Aracaju

Antonio Carlos desde, 1974 mora em Aracaju, precisamente na Rua Estância, no centro da cidade, ao lado dos seus pais e sua irmã Aparecida, que além de empresariá-lo, tem sua participação no espetáculo de Antonio Carlos como cantora; contudo, Antonio Carlos pouco deu atenção a empresários, pois na verdade tanto Antonio Carlos quanto Aparecida vendem seu espetáculo, evitando assim maiores transtornos no que diz respeito a vínculo empregatício

— “Somos nossos patrões”. Antonio Carlos, solteiro, não perde a oportunidade de mandar um recado para as moças solteiras, pretendendo aos longos dos seus 56 anos de idade encontrar alguém, todavia existe uma coisa que Antonio Carlos faz questão de preservar ao seu lado: a família e demonstrando que ela está em primeiro lugar.

“Minha família: não abro mão do convívio com ela. A família é o patrimônio do homem e a principal coluna que sustenta uma nação”.

(Antonio Carlos Du Aracaju em entrevista ao Jornal Correio de Sergipe, 24/06/2007, Aracaju –SE, em “13 prazeres da vida”).

Em seu cotidiano, Antonio Carlos desfruta de merecida aposentadoria por parte dos longos 25 anos de trabalho na Petrobras e divide seu tempo entre trabalhos solidários, ensaios e pesquisas para aprimorar o espetáculo; está em fase de conclusão do curso de jornalismo pela Universidade Tiradentes. Antonio Carlos também encontra tempo para escrever; seu primeiro trabalho foi uma biografia do professor e historiador e folclorista Clodomir Silva, e com vários trabalhos em andamento a serem posteriormente lançados, a exemplo: Zingando, Paredes e Pontes e Vida de Gado (história do nascimento do vaqueiro em Porto da Folha) e um livro virtual do seu trabalho de monografia sobre o vaqueiro de Porto da Folha.

“Tais projetos encontram-se em andamento em virtude de pouco tempo disponibilizado, por estudar para outros cursos”. (Entrevista concedida por Antonio Carlos Du Aracaju em 01/06/2008)

Antonio Carlos encontra-se com um trabalho em processo de finalização de mais um CD. “Festa de Rua”, onde traz folgedos de rua sergipanos: São Gonçalo, Taieira, Toadas e Coco de Vaqueiro. Atualmente exerce a função de secretário da Associação de Artistas Independentes de Sergipe (ASSAIM). Um dos maiores projetos realizados por Antonio Carlos sem dúvida foi a ousadia de unir o rústico ao erudito, de certa forma, dentro de um contexto “esteriotipado” que temos de falar da cultura nordestina. Antonio Carlos foi além do

preconceito com o concerto “Isso é Lá com Santo Antonio”, trabalho desenvolvido com a participação da Orquestra Sinfônica de Sergipe, quando, surpreendentemente, o público lotou o Teatro Tobias Barreto, culminando com o grande sucesso de público e da crítica especializada:

“É o coroamento e o reconhecimento maior de criatividade, pesquisa e desafio feito em todos estes anos de estrada”. (Antonio Carlos Du Aracaju em entrevista ao Jornal da Cidade, caderno C, 11 e 12/ 06/ 2006, Aracaju –SE).



Foto 08: Capa do Jornal da Cidade em 11/06/2006 em apresentação no Teatro Ateneu, na cidade de Aracaju, Sergipe.

Fonte: Acervo Antonio Carlos Du Aracaju

Para novembro de 2008 está preparando mais um concerto, “Vida de gado” provavelmente no Teatro Tobias Barreto. Para o período junino, estão agendados vários espetáculos na capital e no interior do estado.

Prazo para seus espetáculos... chegarão e serão apresentados. Todavia, neste trabalho a lição de vida exposta em jornais e entrevistas, caso característico da história oral, nos remete a pensar que vale a pena ousar, tomar iniciativas, saber decidir, alimentar sonhos e

trilhar por caminhos de flores e espinhos sem nunca olhar para trás e não pensar em desistir, ver sempre que melhores dias virão; basta erguer-se e não se deixar levar pelas críticas negativas ou vaias em um simples “show”. Tudo isso faz do cantor e compositor Antonio Carlos du Aracaju um dos seres privilegiados, não só pela quantidade de amigos, mas pela sua ética, que o faz um ser apolítico, que se desvencilha de valores externos e lança a sua fé como princípio básico que norteia um ser humano.



## CONCLUSÃO

Quando nos propusemos a fazer um relato biográfico, não tínhamos a exata medida das dificuldades de um empreendimento desse porte, que exigiu acima de tudo a superação de uma expressiva quantidade de lacunas que precisavam ser preenchidas sobre a vida do biografado em termos de fontes escritas, em função do biografado ser uma pessoa ocupada e morar em Aracaju; mas qualquer trabalho de ordem investigativa se apresenta promissor, exatamente pelas suas dificuldades, constituindo um verdadeiro desafio a sua efetiva conclusão, assim se apresentou para nós a presente biografia. Todavia a história de vida de Antonio Carlos Du Aracaju é marcada por decisões acertadas e sempre procurou ao longo da sua vida sabiamente sonhar, sonho, em que um dia viria a ser realidade. A elaboração deste trabalho, foi especial não só por ser nosso biografado, mas por ser parte integrante da história cultural do estado de Sergipe, sendo rico em suas manifestações artísticas e culturais, desvendadas e interpretadas por Antonio Carlos que não só abriu mão da sua intimidade como concordou que pessoas próximas contassem os feitos na sua infância e juventude em entrevistas prestadas em jornais de circulação no estado de Sergipe.

São pessoas que conviveram e convivem com o nosso biografado que de braços abertos nos receberam para nos prestar informações a exemplo da sua mãe, a senhora Terezinha Lucas dos Santos, que recorda com muito carinho os feitos do seu querido filho e seu pai Afonso dos Santos, que da mesma forma nos recebeu; seu tio Aluizio Alves Lucas, que de forma emocionada lembrou de todos os momentos da sua infância e sua amiga Inês Resende, que tanto o admira profissionalmente. Também é fundamental ressaltar a importância que lhe é dada em sua terra natal, Porto da Folha.

Antonio Carlos Du Aracaju para Porto da Folha representa mais que um simples cidadão, representa um símbolo de reconhecimento nordestino. Através dele Porto da Folha

ganhou status de capital do vaqueiro. Antonio Carlos Du Aracaju provou e demonstrou que o nordestino consegue viver com as diferenças e superá-las, ele é o próprio exemplo vivo disso, demonstrando a força do buraqueiro típico.

**FONTES IMPRESSAS:**

*JORNAL DA CIDADE, N C 4, 11 e 12/06/2006, Aracaju –SE.*

*JORNAL CORREIO DE SERGIPE, 24/06/2007, Aracaju –SE, em “13 prazeres da vida”.P18.*

*JORNAL CORREIO DE SERGIPE. ,N C3 arte e televisão. Aracaju-SE 11 e 12/12/2005.*

*JORNAL NA BOCA DO POÇO 1998, “nossos valores” 1988, Aracaju- SE.P05*

**FONTES MANUSCRITAS:**

*Entrevista com Afonso dos Santos 03/052008*

*Entrevista com Aluízio Alves Lucas em 28/03/2008*

*Entrevista com Antonio Carlos dos Santos, (Antonio Carlos Du Aracaju em 19/05/200).*

*Entrevista com Inês Resende em 17/03/2008.*

*Entrevista com Maroaldo Alves,16/04/2008.*

*Entrevista com Terezinha Lucas dos Santos em 03/05/2008*

**BIBLIOGRAFIA:**

BORGES, Vavy Pacheco. GraNdezas e Miséria de Biografia. IN. F. Histórica. São Paulo: Contexto, 2005.

DAPIEVE, Arthu. “O Trovador Solitário” Renato Russo. Editora: Ediouro ISBN 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaina. Usos e Abusos da Historia Oral. 8ª edição, editora: Fundação Jetúlio Vargas. 2006

MOTTA, Nelson. “Vale tudo” Tim Maia.ed. 1ª .Sao Paulo. Editora: Objetiva, 2007

**INTENET**

<http://www.cultura.gov.br/site/2005/06/20/projeto-pixiguinha>, acesso em 14/04/2008